

Estudar o passado para compreender o presente

Vítor Matos apresenta o Grupo de Populações e Culturas do Passado do CIAS, elucidando sobre a importância de conhecermos os hábitos de vida e as doenças que afetaram os nossos antepassados. A apoiar esta demanda, existe um inacreditável espólio de material osteológico que faz de Coimbra uma paragem obrigatória para investigadores internacionais.



Sediado no Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra, o Grupo de Populações e Culturas do Passado corresponde a uma das três equipas científicas do Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS). Coordenado por Vítor Matos e contando atualmente com os préstimos de 53 investigadores (16 dos quais integrados), o coletivo assume como principais objetivos “tentar compreender quem eram os nossos antepassados, de que forma viviam, que doenças tinham e como se movimentavam dentro e fora do território português”. Esclarecido de outro modo, este é um grupo de investigação focado no estudo “das grandes transformações que ocorreram ao longo dos últimos 8.000 anos, não só do ponto de vista biológico, mas também social e cultural”, acrescenta o nosso interlocutor.

Paralelamente, no entanto, ao conhecimento sobre o modo “como as sociedades se organizavam” em diferentes épocas, “outro dos tópicos que nos interessa é a paleopatologia, ou seja, perceber como é que algumas doenças apareceram e evoluíram”, a fim de que seja possível entender em que medida “a sua manifestação atual é influenciada pelo seu passado”. Assim, subjacente ao trabalho dos antropólogos que se dedi-

cam a estas linhas de investigação assiste-se a uma “combinação de técnicas baseadas quer na observação macroscópica – ou seja, analisando os ossos a olho nu –, quer usando procedimentos de microscopia, radiologia, química ou paleoparasitologia”, exemplifica Vítor Matos.

Escusado será dizer que a exploração científica de temáticas como a manifestação de doenças no passado (nomeadamente o cancro, a lepra, a osteoporose, a sífilis ou a tuberculose, entre outras), a análise de parasitas ou a interpretação dos padrões alimentares de outras épocas tem vindo a ser materializada através de um constante diálogo, estabelecido entre os elementos do Grupo de Populações e Culturas do Passado e especialistas de áreas como “a Arqueologia, a Medicina, a Química, a História ou a Biologia Molecular”.

Parcerias e coleções antropológicas

Refira-se que, pela sua pertinência mundial, a investigação aqui desenvolvida tem vindo a beneficiar não apenas da interação criada junto das outras equipas do CIAS ou de colaboradores de outras universidades portuguesas (por exemplo, da Universidade de Évora), mas também de colaborações com investigadores estrangeiros, traduzindo-se em “parcerias com 70 instituições de 20 países” nos últimos seis anos. Por outro lado, e fora do âmbito académico, existem protocolos celebrados junto de entidades como o Campo Arqueológico de Mértola – nada mais, nada menos do que “um centro de referência no estudo de populações islâmicas, que têm um riquíssimo acervo com esqueletos de várias cronologias” –, o Centro de Medicina e Reabilitação da Região Centro - Rovisco Pais (que outrora funcionou como leprosaria) ou diversas Câmaras Municipais propagadas pelo país.

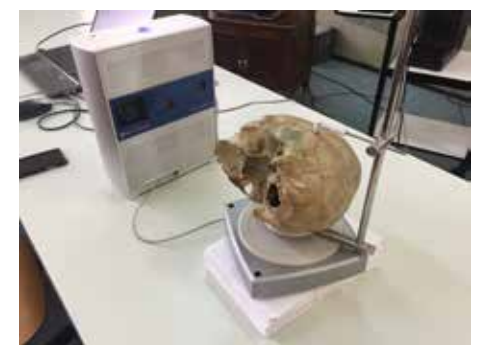
Digno de nota é o acesso privilegiado dos membros do Grupo de Populações e Culturas do Passado aos “milhares de esqueletos de diferentes cronologias e proveniências” (a maior parte oriunda de escavações arqueológicas efetuadas em território nacional) que se encontram armazenados no Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra. Este corresponderá, tal como enfatiza Vítor Matos, “ao maior depósito de material osteológico humano proveniente de contextos arqueológicos portugueses”. Acrescente-se que também relevantes se afiguram as coleções da primeira metade do século XX compostas por “505 esqueletos e 1677 crânios, todos identificados” provenientes não de contextos arqueológicos mas sim do cemitério da Conchada de Coimbra, da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e das Escolas Médicas de Lisboa e do Porto.

A importância deste espólio em particular é o facto de existir “informação muito precisa sobre a idade, o sexo, o estado civil, a profissão, a data de falecimento e a causa de morte de cada um” destes indivíduos, o que permite investigar, com uma inusitada precisão, “quais as consequências de muitas doenças no esqueleto” humano, bem como o desenvolvimento de novos métodos de análise que facilitem a determinação do perfil biológico e a identificação de alterações patológicas em material osteológico de épocas mais remotas, bem como em contextos recentes no âmbito da Antropologia Forense. Embora não necessariamente únicas, “são muito poucas as coleções com esta qualidade e características em todo o mundo”, assegura o nosso interlocutor. O interesse além-fronteiras em torno deste material de investigação contribui para fazer quer deste organismo de investigação, quer da própria cidade de Coimbra, “uma grande atração internacional” no âmbito da Antropologia Biológica.

Projetos em curso

Um dos mais relevantes projetos de investigação a decorrer no seio do Grupo de Populações e Culturas do Passado prende-se com o desenvolvimento de uma base de dados que compile toda a informação produzida nas últimas décadas em torno do material osteológico estudado por investigadores do CIAS. Registrado, neste momento, está um total de “9.618 esqueletos provenientes de 193 sítios arqueológicos em Portugal”, no qual se englobam “indivíduos que representam os últimos 8.000 anos”, descreve Vítor Matos. Presentemente, o objetivo é que esta base de dados (provisoriamente intitulada de *Coimbra Bioarchaeological Database*) possa ser minuciosamente analisada ao abrigo dos mais diversos focos de interesse da Antropologia Biológica (como, por exemplo, a patologia oral), no que corresponde a um estudo de larga escala que, no entender do porta-voz, “trará seguramente aspetos muito interessantes sobre a forma como evoluíram a saúde, a doença e o modo de vida do nossos antepassados”.

Mas em consonância com outros projetos de investigação atualmente dinamizados por elementos do Grupo de Populações e Culturas do Passado – tais como o estudo da evolução das manifestações esqueléticas do cancro ao longo de várias épocas da Humanidade –, importa salientar o contributo dos académicos do CIAS num estudo internacional recentemente publicado, o *Global Health History in Europe* (<https://www.cambridge.org/core/books/backbone-of-europe/F4E2FD1F6175BBF92AE49E9480AEB701#fndtn-information>), que procurou comparar as características e tendên-





cias subjacentes ao estilo de vida, alimentação e outros parâmetros biológicos com base na análise de 15 mil esqueletos europeus de diferentes regiões geográficas e intervalos temporais.

Trazer o saber à sociedade

Falar em Antropologia Biológica ou – de um modo mais simples – no conjunto de indícios que o esqueleto humano proporciona para a compreensão do que fomos, somos e seremos corresponde a um tema por que “as pessoas se interessam muito”. Não têm, como tal, sido pequenos os esforços dinamizados pelo Grupo liderado por Vítor Matos na divulgação, junto da comunidade, dos resultados das investigações aqui laboradas. A comprová-lo, destaque-se que nos últimos anos “participámos em 36 atividades de divulgação que envolveram, sobretudo, alunos de escolas primárias e secundárias, mas também a população em geral e, inclusivamente, alunos de uma universidade sénior e utentes de um lar de terceira idade”.

Concomitantemente, os elementos do Grupo de Populações e Culturas do Passado marcam presença em diversos eventos e feiras de divulgação do conhecimento, tais como a Noite Europeia dos Investigadores, a Feira de Ciência de Oliveira do Bairro, o Encontro Ciência, a Futuralia ou a Qualifica, a pretexto das quais se procura elucidar estudantes, sobretudo do Ensino Secundário, em torno do singular universo da Antropologia Biológica. Também valorizada tem sido a realização de sessões de apresentação em Câmaras Municipais ou a colaboração em ateliers organizados pelo Grupo de Estudos em Evolução Humana (<https://geevh.jimdo.com/>) e destinados à população em idade escolar, tais como “O Princípio da Macacada” (sobre a evolução dos primatas), “Riscos e Rabiscos” (dedicado à arte rupestre) ou “A dança dos esqueletos” (sobre a anatomia e fisiologia do esqueleto humano).

Ambições futuras

Determinado em continuar o estudo do outrora, tendo em vista uma melhor compreensão dos nossos processos bioculturais, o Grupo de Populações e Culturas do Passado não esconde – entre as suas expectativas para os próximos anos – a intenção de prosseguir a colaboração na formação avançada oferecida pelo Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra (Mestrados em Evolução e Biologia Humana, Antropologia Médica e Antropologia Forense, bem como no Doutoramento em Antropologia). Efetivamente, existe “uma ligação muito estreita entre estes cursos e o trabalho do centro de investigação”.

Com semelhante empenho, será dado azo a uma série de projetos de investigação – a maioria financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) –, um dos quais dedicado à descoberta e caracterização, por intermédio de análises de ADN antigo, das principais estirpes de bactérias que no passado provocaram doenças como a lepra e a tuberculose na população portuguesa (num trabalho científico que decorre em parceria com universidades de outros países, tais como Alemanha, Suíça ou Austrália). Mas, ao mesmo ritmo com que se procura aprofundar o conhecimento em torno do passado, o olhar do CIAS permanece fixo no horizonte próximo, marcado por potencialidades e desafios.



De facto, “temos enfrentado algumas dificuldades na questão dos recursos humanos”, revela Vítor Matos, antes de acrescentar que se houvesse um mais facilitado acesso a financiamentos de investigação, seria possível ao Grupo de Populações e Culturas do Passado ampliar o seu leque de colaboradores, assegurando,

consequentemente, “o desenvolvimento de novas linhas de investigação e manutenção das já existentes”, a fim de que, passo ante passo, a descoberta de mais indicadores sobre os nossos antepassados possa contribuir, também ela, para uma compressão mais completa do que são as doenças de hoje.



VI JORNADAS PORTUGUESAS DE PALEOPATOLOGIA



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

drv.uc
Departamento de Ciências da Vida

CIAS
Centro de Investigação em Antropologia e Saúde

GEEVH
Grupo de Estudos em Evolução Humana

IF
Investigação

Este trabalho é financiado por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito da Unidade de I&D “Centro de Investigação em Antropologia e Saúde” com a referência UID/ANT/00283/2013.